

SILVA, Sérgio. *Expansão e Origens da Indústria no Brasil*. Oitava edição. São Paulo, Editora Alfa Ômega, 2001.

*Resenhado por Thiago Silveira**

O livro “Expansão Cafeeira e Origens da Industrialização no Brasil” (1976) é a primeira obra de Sérgio Silva, que fez seus estudos universitários em Paris, na França, e retornou ao Brasil em 1973, passando a lecionar no Departamento de Economia da Escola de Administração da FGV, em São Paulo. Posteriormente, Silva passa a lecionar no departamento de economia da Universidade Estadual de Campinas.

Partindo de uma abordagem de cunho marxista, o autor divide seu livro em quatro capítulos, a fim de explicar “as origens da industrialização no Brasil através do exame da economia cafeeira” (SILVA, 1994, p. 11). Em sua obra, o autor não se atém somente aos fatores históricos para explicar o fenômeno da industrialização no Brasil, nem se foca somente nas consequências da industrialização – como muitos autores fazem –, mas faz uma análise “técnico-paradigmática” no que tange à indústria, ao desenvolvimento da mesma e a seus aspectos e obstáculos, utilizando-se de estudos empíricos para comprovar suas teses. Diferentemente de Celso Furtado (2009) e Maria da Conceição Tavares (1972), que fazem uma análise muito mais “macro-ideológica” no que diz respeito à industrialização, focando-se nas consequências da mesma e deixando de lado as análises mais microindustriais e técnicas.

* Graduando do 7º semestre de Relações Internacionais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail:

Logo no começo do livro, Sérgio Silva analisa o período anterior ao século XX, deixando claro que tentará trazer laços e correlações entre a industrialização brasileira e a transição capitalista no Brasil. A primeira é caracterizada como o resultado muito complexo de um sistema de contradições sociais e capitalistas, representando uma ruptura com o passado, que é consequência de um contexto de lutas sociais, econômicas, políticas e ideológicas. Neste aspecto, cabe ressaltar as semelhanças com as teses de João Manuel Cardoso de Mello (2009), precursor do livro e da teoria do “Capitalismo Tardio” como uma das teorias explicativas da industrialização brasileira. Segundo Mello, a industrialização no Brasil seria a simples consequência dos desdobramentos do capitalismo tardio no país.

Sérgio Silva também explica a importância da economia cafeeira como o centro de acumulação do capital no Brasil em finais do século XIX, bem como salienta como se formaram as bases para a formulação da indústria e o desenvolvimento do capitalismo no Brasil neste contexto. Desta forma, o grande avanço da economia cafeeira pela região paulista, deslocando o centro econômico de decisão para a província de São Paulo, teve como significado tornar aquela produção o centro dinâmico do desenvolvimento capitalista no Brasil. Na medida em que o trabalho assalariado substituiu o trabalho escravo, a produção tornou-se muito mais mecanizada, determinando a construção de uma malha ferroviária que ajudou no desenvolvimento comercial e financeiro do país.

Nesse ponto, não somente podemos citar Celso Furtado e Maria da Conceição Tavares como teorizadores e adeptos de tais pontos, mas também, de novo, Mello, que em seu livro “O Capitalismo Tardio” faz uma análise bem convincente e mostra a importância da transição para o trabalho assalariado no desenvolvimento do capitalismo e, conseqüentemente, da indústria no Brasil. Portanto, segundo o autor, “é na região do café que o desenvolvimento das relações capitalistas é mais acelerado e é aí que se encontra a maior parte da indústria nascente brasileira” (SILVA, 1994, p. 11). Importante notar neste ponto a semelhança que se tem com as teses de Celso Furtado no seu clássico “Formação Econômica do Brasil”, que também afirma que foi a economia cafeeira (mais precisamente a política de defesa do café) que lançaram as bases para o desenvolvimento industrial no Brasil.

O setor externo, na visão de Sérgio Silva, é um dos motores da industrialização brasileira: o crescimento do comércio internacional (na metade do século XIX) influenciou o desenvolvimento do capitalismo em países como o Brasil, criando condições favoráveis ao desenvolvimento econômico e ao crescimento da indústria. Além disso, a existência de um mercado mundial e seu desenvolvimento constituem condições históricas para a transformação das relações econômicas internacionais no final do século XIX. Entretanto, com o passar do tempo, o comércio mercantil deixa de ter tanta importância, dando lugar ao comércio de capital, que passaria então a ser o organizador das relações sociais. Ainda no que tange ao setor externo, o autor afirma que, graças às possibilidades de importação de equipamentos modernos, o capital industrial brasileiro pôde saltar etapas do processo de industrialização e, desde o início, adotar técnicas avançadas, garantindo assim uma rentabilidade elevada, em contraste com a baixa produtividade média do restante da indústria nacional.

Além dos aspectos já citados, é importante salientar a ênfase de Silva sobre o desenvolvimento “tardio” do capitalismo brasileiro. Segundo o autor, até meados do século XIX, o Brasil ainda passava por relações pré-capitalistas. Desta forma, a industrialização no Brasil, que seria uma transição na justaposição dos modos de produção, ensejaria essa mudança para uma economia capitalista, alterando o aspecto de suas relações internacionais e comerciais. Neste sentido, torna-se nítida a visão teórica do autor sobre a indústria brasileira: a do “capitalismo tardio” como a principal causa da industrialização no Brasil.

Igualmente, Silva afirma que as relações entre comércio exterior e economia cafeeira, de um lado, e a indústria nascente, de outro, implicam, ao mesmo tempo, uma unidade e uma contradição. A unidade estaria no fato de que o desenvolvimento capitalista baseado na expansão cafeeira provocaria o nascimento da indústria e de uma possível burguesia industrial, seguido de relativo desenvolvimento. A contradição, por sua vez, estaria nos limites impostos ao desenvolvimento via própria posição dominante da economia cafeeira na acumulação de capital. É possível fazer aqui um paralelo com as teses de Maria da Conceição Tavares (1972) que tratam do Processo de Substituição de Importações no Brasil: segundo a autora, com o tempo, ele iria começar a limitar-se e chegaria, então, a um estrangulamento.

Portanto, ao longo do livro, é notável o caráter marxista da maioria das análises que o autor faz, sempre tratando dos modos de produção e de seus detentores, retratando pequenos detalhes e até mesmo dados empíricos para comprovar sua tese. Ademais, embora seja nítido o grande diálogo que o autor tem com as teorias do “Capitalismo Tardio” como preconizador da indústria no Brasil, é interessante perceber o diálogo que a obra também faz com outras teorias – até mesmo antagônicas –, mostrando que a economia brasileira e o desenvolvimento industrial do país não podem ser explicados de forma binária.

Referências

TAVARES, Maria da Conceição. Auge e declínio do processo de substituição de importações no Brasil. In: TAVARES, Maria da Conceição. *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro: Ensaio sobre Economia Brasileira*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972. p. 29-124.

MELLO, João Manoel Cardoso de. *O capitalismo tardio*. 8. ed. São Paulo: Unesp, 2009.

CELSO, Furtado. *Formação Econômica do Brasil*. 34. ed. São Paulo: Cia. Das Letras, 2007. 300 p.